

Paróquia
Sagrada Família
Diocese de Lins



ESCOLA DE NAZARÉ

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

MÓDULO I

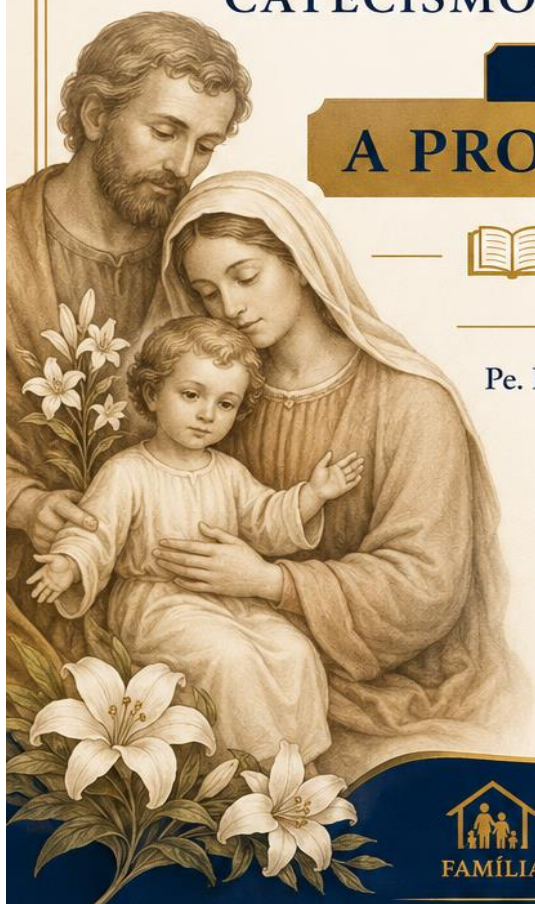
A PROFISSÃO DA FÉ



Aulas 01 a 04

Pe. Rodolfo Marcos Petrucci

*"Jesus crescia em sabedoria,
em estatura e em graça
diante de Deus e dos homens."
(Lc 2,52)*



PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA
PENÁPOLIS/SP



Seja muito bem-vindo(a), à Escola de Nazaré! ✨🙌

É com grande alegria que acolhemos você neste caminho de fé, formação e encontro com Deus.

A Escola de Nazaré nasce do desejo de moldar corações na escola de Jesus, Maria e José, fortalecendo nossa caminhada cristã, nossa missão e nossa vida em comunidade.

Aqui, queremos aprender juntos a viver o amor, a oração, a escuta da Palavra e o serviço ao próximo, seguindo os passos da Sagrada Família de Nazaré.

Que este grupo seja um espaço de acolhimento, crescimento espiritual, partilha e união entre todos os irmãos da nossa comunidade paroquial.

📖 “Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens.” (Lc 2,52)

🏠 Escola de Nazaré

Paróquia Sagrada Família Uma família unida na fé, no amor e na missão.

APRESENTAÇÃO

***"A Escola de Nazaré é um
caminho de formação, oração e
crescimento espiritual, inspirado
na vida de Jesus, Maria e José.***

***Que cada aula seja uma
oportunidade de aprofundar a fé
e fortalecer a missão de cada
discípulo de Cristo"***

MINHA CAMINHADA

Nome:

Pastoral / Movimento:

MINHA MOTIVAÇÃO

MINHA CAMINHADA COM DEUS

REGISTRO DE PARTICIPAÇÃO

Aula	Data	Presença
Aula 01	____/____/____	☐
Aula 02	____/____/____	☐
Aula 03	____/____/____	☐
Aula 04	____/____/____	☐
Aula 05	____/____/____	☐
Aula 06	____/____/____	☐
Aula 07	____/____/____	☐
Aula 08	____/____/____	☐
Aula 09	____/____/____	☐
Aula 10	____/____/____	☐
Aula 11	____/____/____	☐
Aula 12	____/____/____	☐
Aula 13	____/____/____	☐
Aula 14	____/____/____	☐
Aula 15	____/____/____	☐
Aula 16	____/____/____	☐
Aula 17	____/____/____	☐
Aula 18	____/____/____	☐
Aula 19	____/____/____	☐
Aula 20	____/____/____	☐

ANOTAÇÕES E PROPÓSITOS

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

**Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do vosso amor.**

**Enviai o vosso Espírito
e tudo será criado.**

E renovareis a face da terra.

Oremos:

**Ó Deus,
que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos retamente todas as coisas
segundo o mesmo Espírito
e gozemos sempre da sua consolação.**

Por Cristo, Senhor nosso.

Amém.

SUMÁRIO

MÓDULOS FUTUROS (ÍNDICE GERAL DO CURSO)

MÓDULO I – A Profissão da Fé

AULA 01

O Desejo de Deus e a Revelação

Conteúdo da Aula

- O desejo de Deus inscrito no coração humano
- O homem em busca de Deus
- Caminhos para conhecer Deus
- Os limites do conhecimento humano
- Deus toma a iniciativa de se revelar
- A Revelação Divina
- A resposta do homem

Encerramento

- Resumo da Aula
- Esquema da Aula
- Reflexão Pessoal
- Vivendo a Fé
- Anotações

AULA 02

A Revelação Divina: Sagrada Escritura, Tradição e Magistério

Conteúdo da Aula

- O que é Revelação Divina
- Deus fala ao seu povo
- A transmissão da Revelação
- A Sagrada Tradição
- A Sagrada Escritura

- O Magistério da Igreja
- A unidade entre Escritura, Tradição e Magistério

Encerramento

- Resumo da Aula
- Esquema da Aula
- Reflexão Pessoal
- Vivendo a Fé
- Anotações

AULA 03

A Sagrada Escritura: Palavra de Deus Escrita

Conteúdo da Aula

- Inspiração divina da Bíblia
- Formação dos livros bíblicos
- Antigo Testamento
- Novo Testamento
- Unidade da Sagrada Escritura
- Verdade da Escritura
- Interpretação da Bíblia

Encerramento

- Resumo da Aula
- Esquema da Aula
- Reflexão Pessoal
- Vivendo a Fé
- Anotações

AULA 04

A Fé: Resposta do Homem à Revelação

Conteúdo da Aula

- O que é a fé
- Características da fé
- Abraão, pai da fé
- Maria, modelo perfeito da fé
- Fé e razão
- Crescimento da fé
- A profissão de fé da Igreja

Encerramento

- Resumo da Aula
- Esquema da Aula
- Reflexão Pessoal
- Vivendo a Fé
- Anotações



ESCOLA DE NAZARÉ

Catecismo da Igreja Católica

Módulo I – A Profissão da Fé

AULA 01

O Desejo de Deus e a Revelação

"Inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Deus."

— Santo Agostinho

Antes de falar de verdades de fé, a Igreja começa olhando para dentro do coração humano. E isso não é por acaso. Porque a fé não nasce primeiro de um ensinamento, mas de uma inquietação. Existe algo dentro do homem que o move, que o inquieta, que o faz buscar mais, mesmo quando aparentemente já tem tudo.

O Catecismo da Igreja Católica expressa isso de maneira muito profunda ao afirmar:

"O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a Si, e só em Deus o homem encontrará a verdade e a felicidade que não cessa de procurar."
(CIC §27)

Essa afirmação muda completamente a forma como olhamos para a vida humana. Aquilo que muitas vezes percebemos como vazio, inquietação ou insatisfação não é um problema a ser eliminado, mas um sinal a ser compreendido. O coração humano é feito para mais. Ele carrega dentro de si uma abertura para o infinito.

Por isso, quando o homem tenta preencher essa sede apenas com realidades passageiras, ele continua com sede. Pode até experimentar alegrias, conquistas, momentos de satisfação, mas, no fundo, permanece a busca. Não porque algo esteja errado, mas porque essa busca tem um destino: Deus.

No entanto, essa verdade nem sempre é percebida com clareza. O próprio Catecismo reconhece que existem obstáculos que dificultam o encontro com Deus:

“Mas esta ‘união íntima e vital com Deus’ pode ser esquecida, ignorada e até rejeitada explicitamente pelo homem. Tais atitudes podem ter origens muito diversas: a revolta contra o mal no mundo, a ignorância ou a indiferenças religiosas, as preocupações do mundo e das riquezas, o mau exemplo dos crentes, as correntes de pensamento hostis à religião, e, finalmente, essa atitude do homem pecador que, por medo, se esconde de Deus e foge diante do seu apelo.” (CIC §29)

Percebemos aqui algo muito concreto: Deus não está ausente, mas o homem pode se afastar, se distrair, se fechar. Ainda assim, permanece uma verdade fundamental: o homem é capaz de Deus. Existe nele uma capacidade real de conhecê-Lo.

O Catecismo afirma:

“O homem é, por natureza e vocação, um ser religioso. Vindo de Deus, indo para Deus, o homem só vive uma vida plenamente humana se viver livremente a sua relação com Deus.” (CIC §44)

Essa afirmação nos ajuda a compreender que a fé não é algo opcional no sentido mais profundo da existência. Ela toca a própria realização do ser humano. Viver sem Deus não é apenas uma escolha diferente — é viver aquém da própria vocação.

E, de fato, o homem pode chegar a conhecer Deus. Ao olhar para o mundo e também ao olhar para si mesmo, ele encontra sinais que o conduzem ao Criador. A criação fala, a consciência interpela, o coração deseja.

O Catecismo ensina:

“A partir do movimento e do devir, da contingência, da ordem e da beleza do mundo, pode-se conhecer Deus como origem e fim do universo.” (CIC §32; cf. Rm 1,19-20)

Mas não apenas o mundo exterior aponta para Deus. O próprio homem, em sua interioridade, traz marcas dessa presença:

“Com sua abertura à verdade e à beleza, com seu senso de bem moral, com sua liberdade e a voz de sua consciência, com sua aspiração ao infinito e à felicidade, o homem se interroga sobre a existência de Deus. Mediante tudo isso, percebe sinais de sua alma espiritual.” (CIC §33)

E, no entanto, apesar dessa capacidade real, existe um limite. O homem pode chegar até Deus... mas não pode, por si só, penetrar o mistério da sua intimidade.

Por isso, o Catecismo nos conduz a um passo ainda mais profundo:

“As faculdades do homem o tornam capaz de conhecer a existência de um Deus pessoal. Mas, para que o homem possa entrar na sua intimidade, Deus quis revelar-Se ao homem e dar-lhe a graça de poder acolher essa revelação na fé.” (CIC §35)

E é justamente aqui que surge uma pergunta decisiva: se Deus é tão grande, tão infinito, tão além de tudo o que podemos compreender, como é possível falar d’Ele?

O Catecismo nos ensina que podemos, sim, falar de Deus, mas sempre com humildade e consciência de que nossas palavras são limitadas:

“Partindo das múltiplas perfeições das criaturas — sua verdade, sua bondade, sua beleza — pode-se falar de Deus como perfeição primeira e infinita. Mas as nossas palavras humanas ficam sempre aquém do mistério de Deus.” (CIC §40)

Tudo o que existe de verdadeiro, belo e bom no mundo aponta para Deus. Mas Deus é sempre maior. Nunca conseguimos expressá-Lo plenamente. Por isso, a Igreja também nos recorda:

“Ao falar de Deus, nossa linguagem exprime-se de maneira humana; mas realmente atinge o próprio Deus, sem, no entanto, poder exprimi-lo em sua infinita simplicidade.” (CIC §42)

E, para que não caiamos na ilusão de dominar o mistério, o Catecismo nos dá um critério fundamental:

“Entre o Criador e a criatura não se pode notar uma semelhança sem que a dessemelhança seja ainda maior.” (CIC §43)

Aqui encontramos um equilíbrio essencial para a fé. Podemos conhecer Deus, podemos falar d’Ele, podemos buscá-Lo, mas nunca podemos reduzi-Lo às nossas ideias.

Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais percebemos que Ele é mistério. E, ao mesmo tempo, mais cresce em nós o desejo de encontrá-Lo.

E é justamente essa tensão — entre o que o homem pode conhecer e aquilo que ultrapassa suas forças — que abre o caminho para o próximo passo da fé: não apenas buscar a Deus, mas acolher o Deus que se revela.

Resumo da Aula

O homem traz em si um desejo profundo de Deus, inscrito no coração desde a sua criação. Essa sede se manifesta na busca por sentido, verdade e felicidade, embora muitas vezes seja obscurecida pelas distrações, pelo pecado e pelas dificuldades da vida. Ainda assim, o homem é capaz de conhecer a existência de Deus, tanto pela contemplação do mundo quanto pela sua própria interioridade. No entanto, esse conhecimento é limitado: o homem pode falar de Deus e reconhecê-Lo, mas nunca esgotar o seu mistério. Por isso, torna-se necessária a iniciativa do próprio Deus, que se revela e convida o homem a entrar em comunhão com Ele.

Esquema da Aula

1. O coração humano

- inquieto
- em busca de sentido
- aberto ao infinito

2. O desejo de Deus (CIC §27)

- inscrito no coração
- só Deus sacia

3. Obstáculos (CIC §29)

- distrações
- sofrimento
- pecado
- indiferença

4. O homem é capaz de Deus (CIC §44)

- vocação religiosa
- chamado à comunhão

5. Caminhos até Deus

- pelo mundo (CIC §32)
- pelo homem (CIC §33)

6. Limite humano (CIC §35)

- pode conhecer Deus
- não pode penetrar sua intimidade sozinho

7. Como falar de Deus (CIC §40–43)

- linguagem humana é limitada
- Deus é sempre maior
- semelhança com maior dessemelhança



ESCOLA DE NAZARÉ

Catecismo da Igreja Católica

Módulo I – A Profissão da Fé

AULA 02

A Revelação Divina: Sagrada Escritura, Tradição e Magistério

"Deus fala ao homem como a amigos."

(Dei Verbum)

Se o homem, por suas próprias forças, pode chegar até Deus, mas não pode penetrar o mistério da sua intimidade, então surge uma pergunta inevitável: como conhecer verdadeiramente a Deus? Como entrar em comunhão com Ele?

A resposta não está apenas no esforço humano, mas na iniciativa divina. Deus não permaneceu escondido. Deus não ficou em silêncio. Deus quis se dar a conhecer.

Mas essa revelação de Deus não aconteceu de uma só vez. Ela se desenvolve ao longo da história, como um caminho paciente de Deus com a humanidade.

Desde a origem, Deus se manifesta ao homem, criando-o por amor e chamando-o à comunhão. Mesmo após o pecado, Ele não abandona a humanidade, mas renova a esperança através de alianças.

O Catecismo nos recorda que, depois da queda, **Deus estabelece uma aliança com Noé**, sinal de que sua fidelidade permanece para com toda a humanidade. Mais tarde, **Deus chama Abraão**, iniciando um povo, não por mérito humano,

mas por eleição gratuita. E, ao longo da história, **forma esse povo**, educa-o, conduzindo-o através da Lei e dos profetas.

Tudo isso não são acontecimentos isolados, mas etapas de um único plano de amor. Deus vai preparando o coração do homem para acolher algo maior.

É aqui que entramos no mistério da Revelação. O Catecismo da Igreja Católica nos diz:

"Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina." (CIC §51)

Essa afirmação é central para toda a fé cristã. Deus não apenas se deixa perceber através da criação — Ele se comunica. Ele entra na história. Ele estabelece uma relação. Ele chama o homem à comunhão.

A Revelação, portanto, não é apenas transmissão de informações sobre Deus. É o próprio Deus que se dá.

E essa revelação acontece ao longo da história. Deus vai preparando o coração da humanidade, falando de muitos modos, conduzindo o seu povo. Mas tudo isso encontra sua plenitude em uma pessoa: **Jesus Cristo**.

O Catecismo afirma com força:

"Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, 'Deus, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho' (Hb 1,1-2). Com efeito, enviou o seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre eles e dar-lhes a conhecer os segredos de Deus. Jesus Cristo, portanto, Verbo feito carne, 'homem enviado aos homens', 'fala as palavras de Deus' (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe confiou. Por isso, Ele, vendo-O, vê o Pai (cf. Jo 14,9)." (CIC §65)

Aqui está o centro da nossa fé. Jesus não é apenas alguém que fala de Deus. Ele é o próprio Deus que se revela. Nele, Deus disse tudo. Nele, Deus se deu totalmente.

Por isso, a Igreja afirma com clareza: **não há outra revelação a esperar**. Tudo o que é necessário para a salvação foi dado em Cristo.

Mas surge, então, uma nova pergunta: se essa Revelação aconteceu na história, como ela chega até nós hoje?

Porque nós não estivemos fisicamente com Jesus. Não ouvimos sua voz diretamente como os Apóstolos. E, no entanto, cremos. Conhecemos. Seguimos.

Isso é possível porque a Revelação não ficou presa ao passado. Ela foi confiada.

O Catecismo nos recorda:

“Cristo Senhor, em quem se consuma toda a Revelação do Deus altíssimo, mandou aos Apóstolos que pregassem a todos o Evangelho... Este Evangelho foi transmitido de duas maneiras: oralmente, pelos Apóstolos... e por escrito, pelos mesmos Apóstolos e por outros homens da sua geração, sob a inspiração do Espírito Santo.” (CIC §76)

Aqui encontramos algo fundamental: a fé cristã é uma fé transmitida. Ela não nasce da opinião pessoal, nem da interpretação isolada. Ela nasce de uma entrega: aquilo que os Apóstolos receberam, eles transmitiram.

E essa transmissão acontece de duas formas inseparáveis: pela Tradição e pela Escritura.

A Tradição não é apenas costume. É a vida da fé sendo transmitida: a pregação, a liturgia, a vivência da Igreja ao longo dos séculos. **A Escritura**, por sua vez, é essa mesma Palavra de Deus colocada por escrito, sob a inspiração do Espírito Santo.

A Revelação confiada por Cristo não ficou dispersa nem entregue ao acaso. Ela foi transmitida de forma viva, concreta, dentro da Igreja.

O Catecismo nos ensina:

“A fim de que o Evangelho fosse sempre conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram como sucessores os bispos, ‘entregando-lhes o seu próprio lugar de mestres’.” (CIC §77)

Percebemos aqui algo essencial: a fé não depende apenas de um texto, mas de uma transmissão viva. Aquilo que os Apóstolos receberam de Cristo não terminou com eles. Continua na Igreja por meio da sucessão apostólica.

E essa transmissão não acontece apenas por escritos. Ela acontece também pela vida.

O Catecismo afirma:

“Esta transmissão viva, realizada no Espírito Santo, é chamada Tradição... Ela progride na Igreja com a assistência do Espírito Santo.” (CIC §78)

A Tradição, portanto, não é um conjunto de costumes antigos. É a vida da fé sendo transmitida: na pregação, na liturgia, na vivência do povo de Deus ao longo dos séculos.

A Sagrada Escritura, por sua vez, é essa mesma Palavra de Deus colocada por escrito, sob a inspiração do Espírito Santo. Não são duas realidades opostas, mas dois modos inseparáveis de transmitir a mesma Revelação.

Mas aqui é importante fazer uma distinção.

Existe a **Tradição Apostólica**, que vem dos Apóstolos e transmite aquilo que é essencial à fé. E existem também as **tradições eclesiais**, que são expressões históricas, culturais e pastorais da vida da Igreja ao longo do tempo.

Essas tradições podem mudar, se adaptar, crescer. Mas a Tradição Apostólica permanece — porque guarda aquilo que foi recebido de Cristo. Por isso, o Catecismo afirma que toda essa riqueza forma uma unidade:

“A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da Palavra de Deus, confiado à Igreja.” (CIC §97)

Mas o que significa, na prática, essa expressão “depósito da fé”?

A palavra “depósito” nos ajuda a entender algo muito importante: trata-se de um tesouro confiado para ser guardado com fidelidade. Não é algo que a Igreja inventa, nem algo que pode ser modificado conforme o tempo ou a opinião das pessoas. É uma realidade recebida.

Podemos imaginar como um bem precioso que foi confiado à Igreja. Esse tesouro não pertence a quem o guarda. Ele deve ser conservado, protegido e transmitido íntegro.

Assim é a fé da Igreja. Aquilo que Deus revelou em Jesus Cristo foi confiado aos Apóstolos, e deles passou à Igreja. Não para ser alterado, mas para ser fielmente guardado e transmitido.

Por isso, a Igreja não é dona da Revelação. Ela é sua guardiã. Ela não cria a verdade. Ela a recebe, a conserva e a transmite.

E, ao mesmo tempo, esse depósito não é algo morto, guardado como um objeto do passado. É um tesouro vivo, que continua sendo anunciado, celebrado e vivido na Igreja ao longo da história.

Mas ainda permanece uma questão importante: quem garante que essa Palavra está sendo compreendida corretamente? Quem assegura a fidelidade dessa transmissão? É aqui que entra o Magistério da Igreja.

Esse depósito da fé não pertence a um grupo isolado, nem a uma pessoa. Ele foi confiado à Igreja inteira. E dentro da Igreja, existe uma missão específica: guardar, interpretar e ensinar com fidelidade.

O Catecismo ensina:

“O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou transmitida, foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo.” (CIC §85)

Isso significa que a Igreja não apenas transmite, mas também guarda e interpreta fielmente.

E é importante compreender: o Magistério não está acima da Palavra de Deus. Ele está a serviço dela.

“O Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido...” (CIC §86)

Aqui vemos a harmonia da fé católica. Escritura, Tradição e Magistério caminham juntos. Não competem, não se anulam, mas se iluminam mutuamente.

Ao longo da história, a Igreja foi aprofundando a compreensão da fé, especialmente diante de dúvidas e erros. É nesse contexto que surgem os **dogmas**, que não são verdades novas, mas explicitações mais claras daquilo que sempre esteve contido na Revelação.

Mas essa guarda da fé não é responsabilidade apenas dos pastores. Existe também uma dimensão profunda no próprio povo de Deus. O Catecismo fala de um dom chamado:

Senso sobrenatural da fé (sensus fidei)

Mas essa guarda da fé não é responsabilidade apenas dos pastores. Existe também uma dimensão profunda no próprio povo de Deus. O Catecismo fala de um dom chamado senso sobrenatural da fé, ou *sensus fidei*.

Trata-se de uma graça que o Espírito Santo concede a todos os fiéis. Por meio dela, o povo de Deus, quando permanece unido à Igreja, é capaz de reconhecer a verdade da fé.

O Catecismo afirma:

“A totalidade dos fiéis... não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua propriedade mediante o sentido sobrenatural da fé de todo o povo...” (CIC §92)

Isso não significa que cada pessoa, isoladamente, define o que é verdade. Não se trata de opinião pessoal. O *sensus fidei* não é individualista.

Ele se manifesta quando o povo de Deus, unido aos seus pastores, permanece fiel àquilo que recebeu.

É como um “instinto espiritual”, que reconhece o que está em sintonia com a fé da Igreja e rejeita aquilo que não está.

Por isso, ao longo da história, a fé não foi guardada apenas por definições oficiais, mas também pela vivência do povo fiel: na oração, na liturgia, na fidelidade cotidiana. E é nessa comunhão — entre o Magistério e o povo de Deus — que a fé permanece viva e segura.

E essa fé não permanece estática. Ela cresce.

“Graças à assistência do Espírito Santo, a compreensão tanto das realidades como das palavras do depósito da fé pode crescer na vida da Igreja...” (cf. CIC §94)

Assim, a Igreja não inventa a verdade, mas a aprofunda. Não muda o conteúdo da fé, mas cresce na sua compreensão.

O próprio Catecismo resume isso de forma admirável:

“A Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja... estão de tal maneira ligados e unidos que um não subsiste sem os outros...” (CIC §95)

No fundo, tudo o que vimos nesta aula nos conduz a uma certeza profunda: Deus não apenas se revelou — Ele garantiu que essa Revelação chegasse até nós com fidelidade.

Por isso, a nossa fé não é uma construção pessoal. É uma herança viva. É a mesma fé dos Apóstolos, guardada na Igreja, transmitida ao longo dos séculos.

E é nesse contexto que compreendemos também o lugar do Catecismo: ele não substitui a Palavra de Deus, mas nos ajuda a compreendê-la de forma segura, orgânica e fiel.

A fé nasce de um encontro: o homem que busca... e Deus que se revela. Mas ela cresce e se sustenta dentro da Igreja, que guarda e transmite esse encontro ao longo da história.

Resumo da Aula

Deus, em sua bondade, não permaneceu oculto, mas tomou a iniciativa de se revelar ao homem, dando-se a conhecer e convidando-o à comunhão. Essa Revelação acontece ao longo da história e encontra sua plenitude em Jesus Cristo, Palavra definitiva do Pai. Para que essa verdade não se perdesse, Cristo a confiou aos Apóstolos, que a transmitiram através da Tradição e da Escritura. A Igreja, por meio do Magistério, tem a missão de guardar e interpretar fielmente essa Revelação. Assim, a fé cristã chega até nós como uma herança viva, segura e contínua.

Esquema da Aula

1. Necessidade da Revelação

→ o homem não alcança sozinho a intimidade de Deus

2. Deus toma a iniciativa (CIC §51)

→ Deus se revela

→ Deus se comunica

→ chama à comunhão

3. Plenitude em Cristo (CIC §65)

→ Palavra definitiva

→ Deus disse tudo em Jesus

4. A Revelação continua

→ não ficou no passado

5. Transmissão Apostólica (CIC §76)

→ oral (Tradição)

→ escrita (Escritura)

6. Um único depósito (CIC §97)

→ Escritura + Tradição

7. O Magistério (CIC §85–86)

→ interpreta com autoridade

→ a serviço da Palavra

8. Unidade (CIC §95)

→ inseparáveis



ESCOLA DE NAZARÉ

Catecismo da Igreja Católica

Módulo I – A Profissão da Fé

AULA 03

A Sagrada Escritura – Palavra de Deus escrita

"Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo."

São Jerônimo

Depois de contemplarmos a Revelação de Deus e a forma como ela foi transmitida através da Tradição e do Magistério, surge uma nova pergunta: qual é o lugar da Sagrada Escritura nesse plano de salvação?

Para muitos, a Bíblia é apenas um livro religioso. Para a Igreja, porém, ela é muito mais do que isso. A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus colocada por escrito sob a inspiração do Espírito Santo.

O Catecismo afirma: *"Na condescendência de sua bondade, Deus, para revelar-Se aos homens, fala-lhes em palavras humanas."* (CIC §101)

Embora a Bíblia seja formada por muitos livros, escritos em épocas diferentes e por autores diversos, ela possui uma profunda unidade. Deus pronuncia uma única Palavra ao longo de toda a Escritura: seu Filho Jesus Cristo. Toda a Bíblia caminha para Ele, fala d'Ele e encontra n'Ele seu pleno sentido.

Desde o início da história da salvação, Deus procurou comunicar-Se com o homem. Falou através dos patriarcas, dos profetas, dos acontecimentos da

istória e, por fim, através de seu próprio Filho. A Escritura conserva esse diálogo de amor entre Deus e a humanidade.

Mas a Bíblia não é apenas uma coleção de livros antigos. Ela possui uma profunda unidade. O Catecismo nos ensina: *"Por meio de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus pronuncia uma só Palavra, seu Verbo único, no qual se expressa por inteiro."* (CIC §102)

Essa única Palavra é Jesus Cristo.

Embora a Bíblia tenha sido escrita ao longo de muitos séculos, por diversos autores e em diferentes contextos históricos, ela possui um centro. Todas as páginas da Escritura caminham para Cristo. O Antigo Testamento prepara sua vinda; o Novo Testamento anuncia sua presença e sua obra de salvação.

Por isso, ler a Bíblia não é simplesmente adquirir conhecimento religioso. É aproximar-se de Cristo.

Deus é o autor da Sagrada Escritura

Mas surge uma questão importante: quem escreveu a Bíblia?

A Igreja ensina que Deus é o verdadeiro autor da Sagrada Escritura, embora tenha utilizado autores humanos.

O Catecismo ensina: *"As verdades reveladas por Deus, que se encontram e são manifestadas na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo."* (CIC §105)

E continua: *"Deus inspirou os autores humanos dos livros sagrados."* (CIC §106)

Isso significa que a Bíblia não caiu pronta do céu. Deus serviu-Se de homens concretos, com sua cultura, linguagem, história e personalidade. Eles escreveram verdadeiramente, mas sob a ação do Espírito Santo. Por isso, a

Escritura possui ao mesmo tempo um aspecto humano e divino. É Palavra de Deus em palavras humanas.

Essa inspiração divina nos leva a outra verdade fundamental.

O Catecismo afirma: *"Os livros inspirados ensinam a verdade."* (CIC §107)

E acrescenta: *"Os livros da Escritura ensinam firmemente, fielmente e sem erro a verdade que Deus, em vista da nossa salvação, quis ver consignada nas Sagradas Letras."* (CIC §107)

A Igreja não afirma que a Bíblia é um manual de ciências ou um tratado de história moderna. Ela afirma que tudo aquilo que Deus quis revelar para conduzir o homem à salvação encontra-se ali de forma verdadeira e segura.

O cristianismo não é a religião de um livro

A Igreja tem um profundo amor pela Bíblia, mas é importante compreender que o cristianismo não é simplesmente uma religião de um livro.

O Catecismo afirma: *"A fé cristã não é uma religião do Livro. O cristianismo é a religião da Palavra de Deus."* (CIC §108)

E essa Palavra não é, antes de tudo, um texto. É uma Pessoa: Jesus Cristo.

A Bíblia existe para conduzir ao encontro com Cristo. Se alguém conhece a Escritura, mas não encontra Jesus, ainda não alcançou sua finalidade mais profunda.

Como interpretar corretamente a Bíblia?

Mas, se a Bíblia é Palavra de Deus, como devemos interpretá-la?

Essa pergunta é essencial. Ao longo da história, muitos erros surgiram exatamente por causa de interpretações isoladas ou fora do contexto da fé da Igreja.

Por isso, a Igreja ensina que a Bíblia deve ser lida dentro da fé da Igreja. O Catecismo apresenta três critérios fundamentais.

O primeiro é a unidade de toda a Escritura.

Mesmo sendo formada por muitos livros, é preciso ler a Bíblia na unidade de toda a Escritura a Bíblia. Deus é o autor de toda a história da salvação, e os diversos livros se iluminam mutuamente. Por isso, cada texto deve ser compreendido à luz do conjunto da Revelação.

O segundo critério é a Tradição viva da Igreja.

A Escritura nasceu dentro da comunidade dos fiéis e continua sendo interpretada dentro dela, é preciso ler a Escritura dentro da Tradição viva da Igreja..

O terceiro critério é a analogia da fé.

Isso significa que nenhuma interpretação pode contradizer aquilo que a Igreja crê em sua totalidade. É necessário respeitar a analogia da fé, ou seja, a harmonia entre todas as verdades da fé cristã

O Catecismo resume esses critérios nos números 112 a 114, mostrando que a Palavra de Deus deve ser lida em comunhão com a Igreja que a recebeu, guardou e transmite.

Esses critérios nos ajudam a compreender que a Bíblia não pode ser interpretada de forma isolada ou puramente individual. A Palavra nasceu na Igreja, foi conservada na Igreja e é interpretada autenticamente na Igreja.

Mas a Igreja não ensina apenas como interpretar a Bíblia. Ela também ensina que a Palavra de Deus possui uma riqueza que vai além da simples leitura superficial.

Por isso, desde os primeiros séculos, os cristãos falam dos sentidos da Sagrada Escritura.

Os sentidos da Sagrada Escritura

A riqueza da Bíblia não se esgota numa leitura superficial.

Por isso, o Catecismo ensina: *"Segundo uma antiga tradição, podem-se distinguir dois sentidos da Escritura: o sentido literal e o sentido espiritual."* (CIC §115)

O sentido literal é aquilo que o texto afirma diretamente. É o significado das palavras segundo a intenção do autor inspirado.

Quando o Evangelho nos diz que Jesus caminhou sobre as águas, multiplicou os pães ou ressuscitou Lázaro, estamos diante de acontecimentos reais narrados pelo texto sagrado. Mas a Palavra de Deus é tão rica que não se esgota no sentido literal.

Existe também o **sentido espiritual**, através do qual os acontecimentos da história da salvação apontam para realidades mais profundas. O Catecismo apresenta três dimensões desse sentido espiritual:

O sentido alegórico

Permite compreender como os acontecimentos do Antigo Testamento encontram seu cumprimento em Cristo. Por exemplo:

- o cordeiro pascal aponta para Cristo;
- a travessia do Mar Vermelho prefigura o Batismo;
- o maná do deserto prepara a compreensão da Eucaristia.

O sentido moral

Mostra como a Palavra ilumina a nossa vida e orienta nossas ações. A Escritura não foi escrita apenas para informar, mas para transformar. Aquilo que lemos deve conduzir-nos à conversão.

O sentido anagógico

É o sentido que nos orienta para a realidade definitiva do Céu. As realidades terrenas tornam-se sinais das realidades eternas. Assim, Jerusalém não é apenas uma cidade histórica; ela também aponta para a Jerusalém Celeste.

O Catecismo resume tudo isso numa fórmula antiga: *"A letra ensina os acontecimentos; a alegoria, o que debes crer; o sentido moral, o que debes fazer; a anagogia, para onde debes caminhar."* (CIC §118)

Percebemos então que a Bíblia é uma fonte inesgotável. Quanto mais a Igreja a contempla, mais descobre nela a riqueza do plano de Deus.

O Cânon das Escrituras (CIC 120–127)

Mas surge uma pergunta importante: como sabemos quais livros pertencem à Bíblia?

Nem todos os escritos religiosos da antiguidade foram reconhecidos como inspirados. Foi a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, que discerniu e recebeu os livros que compõem a Sagrada Escritura. Essa lista oficial recebe o nome de cânon bíblico.

O Catecismo ensina: *"Foi a Tradição Apostólica que fez a Igreja discernir quais escritos deviam ser enumerados na lista dos Livros Sagrados."* (CIC §120)

O Antigo Testamento possui 46 livros.

O Novo Testamento possui 27 livros.

Juntos, formam os 73 livros da Bíblia Católica.

Alguns cristãos possuem uma Bíblia com menos livros no Antigo Testamento. Isso ocorre porque, durante a Reforma Protestante do século XVI, alguns livros foram retirados do cânon utilizado pela Igreja Católica. A Igreja, porém, manteve o cânon recebido da Tradição e confirmado pelos Concílios antigos.

O Antigo e o Novo Testamento

Às vezes alguém pensa que o Antigo Testamento perdeu sua importância depois da vinda de Cristo. Mas o Catecismo ensina exatamente ao contrário, insiste que o Antigo Testamento conserva valor permanente: *"O Antigo Testamento é uma parte indispensável da Sagrada Escritura."* (CIC §121)

Muitos católicos ainda pensam: "Antigo Testamento não vale mais."

E continua: *"De fato, a antiga economia nunca foi revogada."* (CIC §121-122)

Às vezes, alguns cristãos têm a impressão de que basta ler o Novo Testamento. A Igreja, porém, ensina que isso seria empobrecer a Revelação. Sem o Antigo Testamento não compreendemos plenamente:

- a criação;
- a aliança;
- a eleição de Israel;
- os profetas;
- as promessas messiânicas.

Tudo converge para Cristo. Por isso, o Catecismo afirma: *"O Novo Testamento está oculto no Antigo, enquanto o Antigo é desvendado no Novo."* (CIC §129)

A Bíblia possui uma unidade profunda. É uma única história de salvação.

A unidade entre o Antigo e o Novo Testamento (128 – 130)

O Catecismo também nos ajuda a compreender a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento. À primeira vista, eles parecem muito diferentes. No entanto, existe entre eles uma profunda unidade.

Santo Agostinho expressou essa verdade numa frase célebre citada pelo Catecismo: *"O Novo Testamento está oculto no Antigo, e o Antigo está patente no Novo."* (CIC §129)

Todo o Antigo Testamento prepara a vinda de Cristo. Todas as promessas, figuras e profecias encontram nele o seu cumprimento. Por isso, a Igreja venera tanto o Antigo quanto o Novo Testamento.

O Catecismo ensina: *"A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor."* (CIC §103)

Essa afirmação impressiona pela sua profundidade. Assim como nos alimentamos de Cristo na Eucaristia, também nos alimentamos de Cristo na Palavra. A mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia formam um único alimento para o povo de Deus. Em ambas é o próprio Cristo que se oferece como alimento. Primeiro Ele fala ao coração; depois entrega seu Corpo e Sangue. Por isso a Igreja trata a Bíblia com profundo respeito e veneração.

É por isso que a Igreja insiste tanto na leitura frequente da Bíblia.

O Catecismo afirma: *"É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis."* (CIC §131) E acrescenta: *"A leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração."* (CIC §2653, citado no contexto da Palavra)

A Sagrada Escritura na vida da Igreja (CIC 131–133)

Depois de compreender a origem, a inspiração e a interpretação da Bíblia, resta uma pergunta decisiva: qual é o lugar da Escritura na vida da Igreja?

O Catecismo responde de forma admirável: *"É tão grande o poder e a força da Palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo e vigor da Igreja, e, para os filhos da Igreja, solidez da fé, alimento da alma e fonte pura e perene da vida espiritual."* (CIC §131)

A Palavra de Deus não é apenas um texto para ser estudado.

- Ela sustenta a Igreja.
- Ela fortalece a fé.

- Ela alimenta a vida espiritual.

Por isso, a Igreja deseja que todos os fiéis tenham amplo acesso à Bíblia. O Catecismo afirma: *"É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis."* (CIC §131)

E aqui encontramos uma das frases mais conhecidas de todo o Catecismo: *"Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo."* (CIC §133)

Talvez nenhuma frase resuma melhor tudo o que estudamos nesta aula. A Bíblia não é apenas um livro sagrado guardado em nossas casas. Ela é o lugar privilegiado onde Deus continua falando ao seu povo. Quem deseja conhecer Cristo precisa aproximar-se da Palavra. Quem escuta a Palavra encontra o Senhor. E quem encontra o Senhor descobre o caminho da vida.

São Jerônimo compreendeu algo essencial: ninguém pode amar verdadeiramente aquele que não conhece. Por isso, toda renovação espiritual passa pelo reencontro com a Palavra de Deus.

Quando a Igreja proclama as Escrituras na liturgia, quando um fiel faz sua leitura orante, quando uma família abre a Bíblia para rezar, o próprio Cristo continua falando ao seu povo. A Palavra escrita torna-se encontro vivo com a Palavra eterna.

Ler a Bíblia não é apenas estudar. É rezar. É escutar. É dialogar com Deus. A Escritura foi escrita no passado, mas continua falando hoje.

O mesmo Espírito Santo que inspirou os autores sagrados continua iluminando os corações daqueles que acolhem a Palavra com fé. Por isso, a Bíblia não é apenas um livro para ser conhecido. É uma Palavra para ser vivida.

Quando a Igreja proclama a Palavra de Deus, quando um fiel medita as Escrituras, quando uma família abre a Bíblia para rezar, Deus continua falando ao seu povo.

E é justamente essa a grande missão da Sagrada Escritura: conduzir-nos ao encontro vivo com Jesus Cristo, Palavra eterna do Pai e centro de toda a Revelação.

O Catecismo conclui este ensinamento recordando que a Igreja sempre encontrou nas Escrituras sua força e seu alimento. A Palavra de Deus não envelhece, não perde sua eficácia e continua sendo luz para cada geração. Por isso, a leitura assídua da Bíblia, acompanhada da oração, permanece um dos caminhos mais seguros de crescimento espiritual e de encontro com Cristo (cf. CIC §141).

Resumo da Aula

A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus escrita sob a inspiração do Espírito Santo. Embora tenha sido redigida por autores humanos, Deus é seu verdadeiro autor. A Bíblia possui uma profunda unidade e encontra seu centro em Jesus Cristo, Palavra eterna do Pai. Para compreendê-la corretamente, é necessário lê-la na Igreja, em comunhão com a Tradição e o Magistério. Seus diversos sentidos revelam a riqueza do plano de Deus. O Antigo e o Novo Testamento formam uma única história da salvação, e a Palavra de Deus continua sendo alimento espiritual, fonte de fé e caminho seguro para o encontro com Cristo.

Esquema da Aula

1. O que é a Sagrada Escritura?

→ Palavra de Deus em palavras humanas (CIC 101–104)

2. Inspiração e verdade da Escritura

- Deus é o autor
- autores humanos colaboram
- verdade para a salvação (CIC 105–108)

3. Como interpretar a Bíblia?

- unidade da Escritura
- Tradição viva
- analogia da fé (CIC 109–114)

4. Os sentidos da Escritura

- literal
- alegórico
- moral
- anagógico (CIC 115–119)

5. O cânon bíblico

- 73 livros
- discernidos pela Igreja (CIC 120–127)

6. Unidade dos Testamentos

- promessa e cumprimento
- Cristo é o centro (CIC 128–130)

7. A Escritura na vida da Igreja

- alimento espiritual
- leitura orante
- encontro com Cristo (CIC 131–133)

8. Finalidade da Escritura

- conduzir ao encontro com Jesus Cristo
- “Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo” (CIC 133)



ESCOLA DE NAZARÉ

Catecismo da Igreja Católica

Módulo I – A Profissão da Fé

AULA 04

A fé: A resposta do homem à Revelação

A fé é dar o primeiro passo mesmo quando não se vê toda a escada."

(adaptação pastoral)

Ao longo das aulas anteriores, contemplamos um caminho maravilhoso. Vimos que Deus colocou no coração humano o desejo de procurá-Lo. Vimos também que esse Deus, longe de permanecer distante ou inacessível, tomou a iniciativa de vir ao encontro do homem, revelando-Se progressivamente na história e manifestando-Se plenamente em Jesus Cristo. Vimos ainda que essa Revelação foi confiada à Igreja e transmitida através da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério.

Mas diante de tudo isso surge uma pergunta inevitável: como o homem responde a Deus que se revela?

A resposta da Igreja é simples e profunda: pela fé.

A fé é a porta pela qual o homem entra em comunhão com Deus. É o caminho pelo qual acolhe a Revelação. É a resposta livre ao amor daquele que tomou a iniciativa de procurá-lo primeiro.

Por isso, a fé não é apenas acreditar que Deus existe. Também não é um sentimento religioso passageiro, uma emoção intensa ou um costume herdado

da família. A fé é algo muito mais profundo. É uma adesão pessoal a Deus. É um ato pelo qual a pessoa inteira se entrega Àquele que a chama.

O Catecismo afirma: *"Pela fé, o homem submete completamente sua inteligência e sua vontade a Deus. Com todo o seu ser, o homem dá seu assentimento a Deus revelador."* (CIC §143)

Essa definição nos ajuda a compreender que a fé envolve toda a pessoa. Não se trata apenas da inteligência que reconhece uma verdade, nem apenas do coração que experimenta um sentimento. Crer significa confiar. Significa apoiar a própria vida em Deus. Significa dizer: "Eu acredito em Ti, mesmo quando não compreendo tudo."

Por isso, a Sagrada Escritura apresenta a fé como uma caminhada. E entre todos os homens e mulheres que percorreram esse caminho, dois brilham de maneira especial: Abraão e Maria.

A obediência da fé

O catecismo afirma: *"Obedecer na fé significa submeter-se livremente à Palavra ouvida, visto que sua verdade é garantida por Deus, a própria verdade. Desta obediência Abraão é o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe, e a Virgem Maria, sua mais perfeita realização"* (CIC §144)

A fé não é apenas acreditar em algo que Deus disse. É acolher a sua Palavra e confiar nela. É deixar que Deus conduza a própria vida.

Abraão – o pai de todos os crentes

Quando a Igreja deseja mostrar o que é a fé, ela olha primeiro para Abraão. Sua história é a história de alguém que aprende a caminhar sustentado não pelas próprias seguranças, mas pela confiança em Deus.

O Catecismo ensina: *"Abraão realiza de modo perfeito a definição da fé dada pela Carta aos Hebreus: 'A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê' (Hb 11,1)." (CIC §146)*

Quando Deus o chama, Abraão deixa sua terra sem conhecer o destino. Quando Deus lhe promete uma descendência numerosa, ele acredita mesmo sendo idoso e sem filhos. Quando recebe o pedido de oferecer Isaac, o filho da promessa, continua confiando, mesmo sem compreender.

Abraão não possui todas as respostas. Ele possui algo maior: a confiança naquele que faz as promessas. É por isso que a Igreja o chama de pai dos crentes. Nele aprendemos que a fé não consiste em controlar o futuro, mas em confiar naquele que conduz a história.

Maria – Bem-aventurada a que acreditou

Mas se Abraão é o pai dos crentes, Maria é o modelo perfeito da fé.

O Catecismo afirma: *"A Virgem Maria realiza da maneira mais perfeita a obediência da fé." (CIC §148)*

Quando o Anjo Gabriel anuncia que ela será a Mãe do Salvador, Maria não compreende todos os detalhes do plano divino. Ela faz perguntas, procura entender, mas acima de tudo confia. E sua resposta atravessa os séculos: *"Faça-se em mim segundo a tua palavra." (Lc 1,38)*

Nesse instante, Maria entrega-se completamente à vontade de Deus.

Sua fé não termina na Anunciação. Ela continua crescendo ao longo de toda a sua vida. Acompanha Jesus em Nazaré, em sua vida pública, no Calvário e no silêncio do Sábado Santo. Quando muitos vacilam, ela permanece firme.

Por isso, Maria não é apenas a Mãe de Jesus. É também o modelo da Igreja e de todo cristão que deseja aprender a crer.

Ao contemplarmos Abraão e Maria, compreendemos que a fé é sempre uma resposta. Deus fala, o homem escuta. Deus chama, o homem responde. Deus se revela, o homem acredita.

Em quem nós cremos?

Mas quando dizemos que temos fé, surge uma pergunta fundamental: em quem nós cremos?

A fé cristã não é simplesmente acreditar em determinadas doutrinas ou aceitar um conjunto de ensinamentos. Antes de tudo, ela é uma relação viva com Deus.

O Catecismo ensina: *"A fé é primeiramente uma adesão pessoal do homem a Deus; é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o assentimento livre a toda a verdade que Deus revelou."* (CIC §150)

Percebemos aqui duas dimensões inseparáveis. A fé é confiança numa Pessoa e acolhimento de uma verdade. Não acreditamos apenas em algo; acreditamos em Alguém. Por isso, a Igreja ensina que a fé tem um caráter profundamente trinitário.

O Catecismo afirma: *"Para o cristão, crer em Deus é inseparavelmente crer naquele que Ele enviou, 'o seu Filho muito amado', em quem pôs todas as suas complacências; Deus mandou-nos escutá-Lo."* (CIC §151)

E acrescenta: *"O cristão crê em Deus, crê que Deus existe e que Ele é a Verdade e o Amor."* (cf. CIC §151)

Crer em Deus significa reconhecer que Ele é o fundamento da nossa existência, o princípio e o fim de todas as coisas. Significa confiar n'Aquele que é infinitamente fiel e digno de crédito.

Mas a fé cristã não para aí.

O Catecismo continua: *"Não se pode crer em Jesus Cristo sem participar do seu Espírito. É o Espírito Santo que revela aos homens quem é Jesus."* (CIC §152)

Nós cremos em Jesus Cristo, Filho eterno do Pai, porque o próprio Espírito Santo abre nossos olhos para reconhecê-Lo como Senhor e Salvador.

Ninguém pode chegar plenamente a Cristo apenas pelas próprias forças. É o Espírito quem conduz à fé.

Por isso, a profissão de fé da Igreja é essencialmente trinitária. Cremos no Pai que se revela, no Filho que nos manifesta o rosto do Pai e no Espírito Santo que nos conduz à verdade plena.

Toda a vida cristã nasce e se desenvolve dentro dessa comunhão com a Santíssima Trindade.

As características da fé

Mas surge então uma questão importante: de onde vem a fé?

Poderíamos pensar que a fé nasce apenas do esforço humano. No entanto, a Igreja ensina algo muito mais belo. A fé é, antes de tudo, um dom.

O Catecismo afirma: *"A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele."* (CIC §153)

Ninguém produz a fé sozinho. É Deus quem toca o coração, ilumina a inteligência e desperta o desejo de acolher a verdade. Antes que o homem procure a Deus, Deus já o está atraindo.

Mas isso não significa que a fé aconteça sem a participação humana. Deus respeita profundamente a liberdade que Ele mesmo nos concedeu.

O Catecismo ensina: *"Só é possível crer pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um ato autenticamente*

humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem depositar a confiança em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas." (CIC §154)

A fé, portanto, é simultaneamente dom de Deus e resposta do homem.

Deus toma a iniciativa, ilumina a inteligência, move o coração e oferece a sua graça. Mas o homem continua livre para responder.

Por isso, crer não significa renunciar à própria inteligência nem abandonar a liberdade. Pelo contrário, na fé a pessoa realiza um dos atos mais nobres de sua existência: entrega-se livremente à verdade e ao amor de Deus.

Deus convida. O homem responde.

Deus chama. O homem acolhe.

Deus oferece. O homem recebe.

Essa harmonia entre a ação divina e a liberdade humana ajuda-nos também a compreender a relação entre fé e razão. Muitas vezes se imagina que crer significa abandonar a inteligência.

Por isso, crer não significa renunciar à própria inteligência nem abandonar a liberdade. Pelo contrário, na fé a pessoa realiza um dos atos mais nobres de sua existência: entrega-se livremente à verdade e ao amor de Deus.

E justamente porque a fé tem sua origem no próprio Deus, ela possui uma certeza singular.

O Catecismo afirma: *"A fé é certa, mais certa que qualquer conhecimento humano, porque se funda na própria Palavra de Deus, que não pode mentir."* (CIC §157)

Essa certeza não nasce porque compreendemos tudo, mas porque confiamos naquele que revelou. Muitas vezes o conhecimento humano muda, aperfeiçoa-

se ou corrige-se. A fé, porém, apoia-se na fidelidade de Deus, que permanece para sempre.

Mas isso não significa que a fé dispense a inteligência. Pelo contrário, quem crê deseja compreender cada vez mais aquilo que acredita.

O Catecismo ensina: *"É inerente à fé que o crente deseje conhecer melhor aquele em quem depositou sua fé e compreender melhor o que Ele revelou."* (CIC §158)

Por isso, a fé procura compreender. Quanto mais amamos a Deus, mais desejamos conhecê-Lo. Quanto mais conhecemos sua Palavra, mais nossa fé amadurece. A busca da inteligência não enfraquece a fé; ao contrário, ajuda-a a crescer e aprofundar-se.

Essa relação harmoniosa entre fé e inteligência ajuda-nos também a compreender a relação entre fé e ciência. Muitas vezes se imagina que a ciência explica o mundo enquanto a fé pertence apenas ao campo dos sentimentos ou das opiniões pessoais. A Igreja nunca ensinou isso.

Ao longo da história, muitos dos grandes cientistas foram homens e mulheres de fé. A própria Igreja contribuiu decisivamente para o desenvolvimento das universidades, da pesquisa e da investigação científica.

Por isso, o Catecismo afirma: *"Embora a fé esteja acima da razão, jamais poderá haver verdadeira divergência entre fé e razão. Pois o mesmo Deus que revela os mistérios e comunica a fé fez baixar no espírito humano a luz da razão; Deus não poderia negar-Se a Si próprio, nem o verdadeiro contradizer jamais o verdadeiro."* (CIC §159)

A fé e a razão possuem campos próprios, mas procedem da mesma fonte: Deus.

A ciência procura compreender como funciona a criação. A fé ajuda-nos a compreender quem é o Criador e qual o sentido último da existência.

Quando corretamente compreendidas, não se contradizem. Pelo contrário, iluminam-se mutuamente.

Liberdade da fé

Assim, o cristão não precisa escolher entre crer e pensar. Não precisa escolher entre fé e razão. Não precisa escolher entre fé e ciência. É chamado a buscar a verdade com toda a sua inteligência e com todo o seu coração, sabendo que toda verdade tem sua origem em Deus.

A razão ajuda o homem a procurar, refletir e compreender. A fé permite enxergar mais longe, acolhendo aquilo que Deus revelou. Como duas asas, fé e razão elevam o ser humano na busca da verdade. Mas justamente porque a fé é uma resposta de amor ao Deus que se revela, ela só pode existir em liberdade.

Deus não força ninguém a acreditar. Ele não se impõe ao coração humano. Convida, chama, atrai, mas respeita profundamente a liberdade da pessoa.

O Catecismo ensina: *"O homem, ao crer, deve responder voluntariamente a Deus; por isso ninguém deve ser constrangido a abraçar a fé contra a sua vontade."* (CIC §160)

Essa verdade possui grande importância. A fé autêntica nunca nasce da imposição, do medo ou da coerção. Ela nasce de um encontro. Deus oferece sua graça, e o homem responde livremente.

Necessidade da fé

Ao mesmo tempo, essa liberdade não diminui a importância da fé. Pelo contrário. A fé é necessária para a salvação porque é através dela que o homem acolhe a Deus e entra em comunhão com Ele.

Por isso, o Catecismo afirma: *"Crer em Jesus Cristo e naquele que o enviou para nossa salvação é necessário para obter essa salvação."* (CIC §161)

Essa afirmação não deve ser compreendida como uma ameaça, mas como uma consequência do amor de Deus. Se Cristo é o Salvador, é nele que encontramos a vida. A fé abre o coração para acolher o dom que Deus deseja oferecer.

Perseverança na fé

Mas a fé não é uma conquista realizada uma vez para sempre. Ela é uma realidade viva que precisa ser cultivada ao longo de toda a existência.

Por isso, o Catecismo recorda: *"A fé é um dom gratuito que Deus dá ao homem. Este tesouro inestimável pode ser perdido."* (CIC §162)

A fé cresce quando é alimentada pela oração, pela Palavra de Deus, pelos sacramentos e pela vida da Igreja. E pode enfraquecer quando deixamos de cultivar nossa relação com o Senhor.

Todos os santos compreenderam essa necessidade de perseverança. A caminhada da fé passa por momentos de luz e também por momentos de provação. Existem períodos de entusiasmo e períodos de aridez. Há momentos em que tudo parece claro e outros em que permanecemos sustentados apenas pela confiança.

É por isso que os Apóstolos fizeram a Jesus uma oração tão simples quanto profunda: *"Senhor, aumenta a nossa fé."* (Lc 17,5)

A perseverança não significa nunca experimentar dúvidas ou dificuldades. Significa continuar caminhando, mesmo quando não vemos claramente o caminho, confiando na fidelidade de Deus.

Fé como início da vida eterna

E essa caminhada possui uma meta. A fé não é um fim em si mesma. Ela é o início de algo maior.

O Catecismo afirma: *"A fé é um antegozo do conhecimento que nos tornará felizes na vida futura."* (CIC §163)

Já nesta vida, pela fé, começamos a conhecer Aquele que um dia contemplaremos face a face. Aquilo que agora acreditamos, um dia veremos plenamente. Aquilo que agora esperamos, um dia possuiremos definitivamente.

E justamente porque a fé é uma relação viva com Deus, ela possui características próprias que a tornam única. A fé é um dom gratuito que ninguém merece. É uma certeza que se apoia na fidelidade de Deus. É uma realidade viva, capaz de crescer e amadurecer ao longo dos anos. E é também uma semente da vida eterna.

Nós cremos

Depois de tudo o que vimos, é natural pensar na fé como uma resposta profundamente pessoal. E ela realmente é. Ninguém pode acreditar em nosso lugar. Ninguém pode dar a Deus a resposta que cabe a cada um de nós oferecer. Por isso, quando professamos a fé, dizemos: "Eu creio."

Essa profissão é pessoal. Cada cristão é chamado a acolher livremente a Revelação de Deus e a aderir a Ele com todo o seu ser. Mas o Catecismo nos ajuda a perceber que a fé nunca é uma experiência isolada.

O homem não inventa a fé por si mesmo. Não descobre sozinho todas as verdades que professa. Antes de dizer "eu creio", alguém lhe anunciou o Evangelho. Antes de professar sua fé, ele recebeu a fé da Igreja.

Por isso o Catecismo afirma: *"A fé é um ato pessoal: é a resposta livre do homem à iniciativa de Deus que se revela. Mas a fé não é um ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém pode viver sozinho."* (cf. CIC §166)

Essa comparação é muito bonita. Assim como recebemos a vida de outras pessoas, também recebemos a fé. Alguém nos ensinou a rezar. Alguém nos

apresentou Jesus Cristo. Alguém nos transmitiu a Palavra de Deus. A fé nasce dentro de um povo. Por isso, a Igreja é simultaneamente mãe e educadora da fé.

O Catecismo afirma: *"A Igreja é a mãe de todos os crentes."* (cf. CIC §169)

É nela que recebemos o Batismo. É nela que ouvimos a Palavra de Deus. É nela que celebramos os sacramentos. É nela que aprendemos a chamar Deus de Pai. Mas a Igreja não apenas transmite a fé. Ela também a exprime.

Desde os primeiros séculos, os cristãos sentiram a necessidade de professar aquilo que acreditavam. A fé recebida dos Apóstolos precisava ser anunciada, ensinada, celebrada e transmitida às novas gerações.

Por isso surgiu aquilo que o Catecismo chama de **"linguagem da fé"**.

O Catecismo afirma: *"Não cremos em fórmulas, mas nas realidades que elas exprimem e que a fé nos permite tocar."* (CIC §170)

Essa afirmação é muito importante. A fé cristã não consiste em decorar frases ou repetir palavras. As fórmulas da fé existem para nos conduzir ao mistério que elas expressam. Quando dizemos "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso", por exemplo, não estamos apenas pronunciando uma frase. Estamos professando uma realidade viva: Deus é nosso Pai e Senhor da história.

Por isso, ao longo dos séculos, a Igreja formulou resumos da fé para ajudar os cristãos a conservar intacto o ensinamento recebido dos Apóstolos.

O Catecismo ensina: *"Desde a sua origem, a Igreja apostólica exprimiu e transmitiu a sua própria fé em fórmulas breves e normativas para todos."* (CIC §171)

Essas fórmulas encontram sua expressão mais completa no Credo, que estudaremos na próxima aula.

O Credo não é uma invenção humana nem uma simples oração. Ele é a síntese da fé da Igreja. Nele encontramos reunidas as verdades fundamentais da Revelação.

Mas aqui aparece algo admirável. Embora existam diferentes povos, culturas, línguas e tradições, a Igreja conserva **uma única fé**.

O Catecismo afirma: *"Esta fé que recebemos da Igreja, guardamo-la cuidadosamente, porque sem cessar, sob a ação do Espírito de Deus, ela rejuvenesce e faz rejuvenescer o vaso que a contém."* (CIC §175)

Ao longo dos séculos surgiram diferentes espiritualidades, costumes, expressões culturais e formas de oração. Entretanto, a fé permanece a mesma.

- É a fé dos Apóstolos.
- É a fé dos mártires.
- É a fé dos santos.
- É a fé que chegou até nós.

Por isso, o Catecismo recorda que a Igreja, espalhada pelo mundo inteiro, guarda com zelo esse único depósito da fé e o transmite como se habitasse numa única casa, tivesse uma única alma e um único coração (cf. CIC §172-173).

Essa unidade não é fruto de um esforço humano, mas da ação do Espírito Santo, que conserva a Igreja na verdade recebida de Cristo.

Assim, quando professamos o Credo durante a Santa Missa, não estamos manifestando uma opinião pessoal. Estamos unindo nossa voz à fé da Igreja inteira, espalhada pelo mundo e transmitida através dos séculos.

Existe uma diversidade de povos, de culturas e de línguas. Mas existe uma só fé, um só Senhor, um só Batismo e um só Deus e Pai de todos.

Por isso, não podemos separar Cristo da Igreja nem a fé pessoal da fé da comunidade.

O Catecismo chega a dizer: *"Ninguém pode ter Deus por Pai se não tiver a Igreja por mãe."* (CIC §181)

Essa expressão, herdada dos primeiros séculos do cristianismo, recorda-nos que a fé é sempre vivida em comunhão. É justamente por isso que a Igreja professa o Credo.

Quando dizemos "Eu creio", fazemos nossa adesão pessoal à fé.

Quando dizemos "Nós cremos", unimo-nos à fé da Igreja inteira, espalhada pelo mundo e transmitida ao longo dos séculos.

O Catecismo explica: *"'Eu creio': é a fé da Igreja professada pessoalmente por cada fiel, principalmente por ocasião do Batismo. 'Nós cremos': é a fé da Igreja confessada pelos bispos reunidos em Concílio ou, mais geralmente, pela assembleia litúrgica dos crentes."* (CIC §167)

Percebemos então que existe uma profunda unidade entre a fé pessoal e a fé eclesial.

Eu creio. Mas não creio sozinho. Creio com a Igreja. Creio aquilo que a Igreja recebeu dos Apóstolos. Creio aquilo que a Igreja guardou ao longo dos séculos. Creio aquilo que a Igreja continua anunciando ao mundo.

Por isso, a fé cristã não é uma opinião privada nem uma interpretação individual da Revelação. Ela é participação numa herança viva, transmitida de geração em geração sob a assistência do Espírito Santo.

É essa fé da Igreja que em breve começaremos a aprofundar através do Credo, o grande resumo de tudo aquilo que os cristãos creem e professam.

No fundo, tudo o que estudamos nesta aula pode ser resumido numa verdade simples e profundamente transformadora: a fé é a resposta do homem ao Deus que o ama e se revela.

Abraão nos ensina a confiar quando não vemos.

Maria nos ensina a dizer "sim" quando não compreendemos plenamente.

A Igreja nos ensina a conservar e professar essa fé.

E Deus continua oferecendo esse dom a cada geração.

Crer não é fechar os olhos para a realidade. É abrir os olhos para uma realidade maior. É caminhar sustentado pela certeza de que Deus permanece fiel às suas promessas. É permitir que a própria vida seja conduzida por Aquele que nunca abandona aqueles que n'Ele confiam.

Resumo da Aula

A fé é a resposta do homem à Revelação de Deus. Ela consiste numa adesão pessoal, livre e total ao Senhor e à verdade por Ele revelada. Abraão é apresentado como pai dos crentes e Maria como modelo perfeito da obediência da fé. A fé é simultaneamente dom de Deus e ato humano, não se opõe à razão e cresce na medida em que é alimentada pela oração, pelos sacramentos e pela vida da Igreja. Embora seja uma resposta pessoal, ela é sempre vivida na comunhão dos fiéis. Pela fé, o homem entra em amizade com Deus e começa a participar da vida eterna.

Esquema da Aula

1. A fé como resposta à Revelação

→ adesão a Deus que se revela (CIC 142–150)

2. Abraão, pai dos crentes

- confiança
- obediência
- esperança (CIC 145–147)

3. Maria, modelo da fé

- "Faça-se em mim"
- obediência perfeita (CIC 148–149)

4. A fé: dom de Deus e ato humano

- graça divina
- resposta livre (CIC 153–155)

5. Fé e razão

- harmonia entre ambas (CIC 156–159)

6. Características da fé

- gratuita
- certa
- operante
- perseverante (CIC 160–165)

7. Eu creio e Nós cremos

- dimensão pessoal
- dimensão eclesial (CIC 166–184)

8. Meta da fé

- comunhão com Deus
- participação na vida eterna (CIC 163)